



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA



DOCUMENTO DE TRABALHO Nº 2009/09

Um teste à relação entre os níveis de confiança e de desemprego
em Portugal

António Caleiro

*Universidade de Évora, Departamento de Economia
CEFAGE-UE*

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
Largo dos Colegiais, 2 – 7000-803 Évora – Portugal
Tel.: +351 266 740 894 Fax: +351 266 742 494
www.decon.uevora.pt wp.economia@uevora.pt

Abstract/Resumo:

A gravidade da crise económica actual tem justificado o apelo à instituição de uma nova ordem económica. De facto, parte daquela gravidade pode ser atribuída ao desconhecimento (ou à falta de reconhecimento) das relações que se estabelecem entre variáveis económicas chave, quer ao nível da esfera real quer ao nível da esfera monetária. Deste ponto de vista, o sucesso de uma nova ordem económica depende do (re)conhecimento daquelas relações, sendo especialmente importantes as que envolvam o nível de confiança (e, particularmente, também a taxa de desemprego) dadas as características da actual crise económica (em Portugal). Em trabalho anterior mostrou-se, precisamente, que o nível de confiança se relaciona com a taxa de desemprego muito mais do que seria aparente, pelo menos em Portugal. Este facto resulta de se considerar uma abordagem de lógica difusa, na medida em que, pelas suas características, se revela ser a mais adequada na modelização daquela relação. O presente trabalho pretende estender aquela abordagem metodológica (assim como actualizar o período temporal dos dados) através de um exercício de predição ex-post, de forma a verificar a robustez daquela relação entre o nível de confiança e a taxa de desemprego. A realização destes objectivos contribui para uma melhor compreensão acerca da oportunidade e da forma de uma nova ordem económica em Portugal.

Palavras-chave/Keyword:

Confiança, Desemprego, Lógica Difusa, Portugal.

Classificação JEL/JEL Classification: C53, E21, E27, E32.

Um teste à relação entre os níveis de confiança e de desemprego em Portugal

António Caleiro

caleiro@uevora.pt

Departamento de Economia & CEFAGE – UE

Universidade de Évora

Portugal

Julho 04, 2009

Resumo

A gravidade da crise económica actual tem justificado o apelo à instituição de uma nova ordem económica. De facto, parte daquela gravidade pode ser atribuída ao desconhecimento (ou à falta de reconhecimento) das relações que se estabelecem entre variáveis económicas chave, quer ao nível da esfera real quer ao nível da esfera monetária. Deste ponto de vista, o sucesso de uma nova ordem económica depende do (re)conhecimento daquelas relações, sendo especialmente importantes as que envolvam o nível de confiança (e, particularmente, também a taxa de desemprego) dadas as características da actual crise económica (em Portugal). Em trabalho anterior mostrou-se, precisamente, que o nível de confiança se relaciona com a taxa de desemprego muito mais do que seria aparente, pelo menos em Portugal. Este facto resulta de se considerar uma abordagem de lógica difusa, na medida em que, pelas suas características, se revela ser a mais adequada na modelização daquela relação. O presente trabalho pretende estender aquela abordagem metodológica (assim como actualizar o período temporal dos dados) através de um exercício de predição *ex-post*, de forma a verificar a robustez daquela relação entre o nível de confiança e a taxa de desemprego. A realização destes objectivos contribui para uma melhor compreensão acerca da oportunidade e da forma de uma nova ordem económica em Portugal.

Palavras-chave: Confiança, Desemprego, Lógica Difusa, Portugal.

Códigos JEL: C53, E21, E27, E32.

I. Introdução

A gravidade da crise económica actual tem justificado o apelo à instituição de uma nova ordem económica. De facto, parte daquela gravidade pode ser atribuída ao desconhecimento (ou à falta de reconhecimento) das relações que se estabelecem entre variáveis económicas chave, quer ao nível da esfera real quer ao nível da esfera monetária. Deste ponto de vista, o sucesso de uma nova ordem económica depende do (re)conhecimento daquelas relações, sendo especialmente importantes as que envolvam o nível de confiança (e, particularmente, também a taxa de desemprego), dadas as características da actual crise económica (em Portugal).

Em trabalho anterior mostrou-se que, em Portugal (durante o período de Junho de 1986 a Abril de 2004), o nível de confiança se relacionou com a taxa de desemprego muito mais do que seria aparente (Caleiro, 2006).¹ De facto, à primeira vista, aquela relação parece não existir já que, durante aquele período, a taxa de desemprego apresentou um comportamento claramente cíclico, enquanto que o nível de confiança, por sua vez, se caracterizou por uma evolução idiossincrática. Esta variável registou níveis elevados desde o início do período (meados de 1986) até finais de 1991, tendo, então, iniciado uma quebra acentuada, numa altura em que a taxa de desemprego começava a subir, até meados de 1993, data a partir da qual registou uma subida generalizada até Dezembro de 1999, i.e. durante um período em que a taxa de desemprego passou pelas duas fases do ciclo económico.² A traduzir esta evolução (aparentemente) díspar das duas variáveis, no período em causa, estas apresentavam um coeficiente de correlação de -0,23.

Todavia, conforme se mostrou em Caleiro (2006), a relação, aparentemente, inexistente entre os níveis de desemprego e de confiança, pode, efectivamente, ser descortinada se se utilizar uma metodologia que tenha em conta as características das variáveis em questão, em particular, a subjectividade que está implícita na expressão de um determinado nível de confiança.³ A figura 1 apresenta o resultado final da aplicação daquela metodologia (a ser apresentada de seguida).⁴

¹ Também uma relação deste tipo parece caracterizar a União Europeia (veja-se Caleiro, 2007a).

² Uma visualização destas evoluções será apresentada na figura 2 na secção 2 deste trabalho.

³ Deste ponto de vista, Caleiro (2006) pode ser visto como um exemplo de aplicação da metodologia proposta em Caleiro (2003), onde se chama a atenção para a forma como o uso *retrospectivo* de variáveis *objectivas* (como é o caso do desemprego) pode conduzir a uma aproximação de variáveis



Figura 1: A relação detectada entre o desemprego e a confiança (Caleiro, 2006: 889)

Sendo a taxa de desemprego um factor explicativo do nível de confiança,⁵ este facto pode confirmar ou reforçar a relação causal que, alegadamente, existe entre o desemprego e o crescimento económico: o desemprego afecta o nível de confiança e este, por sua vez, eventualmente por via das expectativas, afecta a despesa e logo o crescimento económico (Caleiro, 2005). Conforme a actual crise veio confirmar, a relação causal entre os níveis de desemprego e de crescimento económico (que é, efectivamente, de natureza biunívoca) é particularmente crítica em Portugal (Caleiro, 2007b).

Como desde há muito se sabe, o baixo nível de crescimento económico apresenta-se como um problema cuja necessidade de resolução se mostra particularmente evidente em Portugal. À luz da renovada Estratégia de Lisboa, este problema exigiria soluções que resultassem de alterações estruturais, inclusive ao nível das instituições, em que, naturalmente, o lado da oferta da economia desempenha(ria) um papel crucial. Deste ponto de vista, no que diz respeito à União Europeia (UE), o Comité da Política Económica apontou como reforma estrutural prioritária uma forte promoção de estratégias económicas de crescimento através de estímulos à produtividade e às taxas de emprego, num ambiente de políticas fiscais sustentáveis (Economic Policy Committee, 2004;2005).

subjectivas (como é o caso da confiança), as quais podem ser de natureza *prospectiva* (como é, por construção, o caso do nível de confiança).

⁴ As variáveis representadas na figura 1 apresentam um coeficiente de correlação de 0,84.

⁵ Para uma análise complementar dos factores explicativos do nível de confiança dos consumidores em Portugal pode consultar-se Caleiro & Ramalho (2007).

Naquela abordagem de política económica é, obviamente, crucial o lado da oferta, mas há também que reconhecer que as políticas estruturais de oferta não podem ignorar a influência positiva/negativa que o lado da procura exerce sobre aquela, sobretudo por via das expectativas que algumas das suas variáveis componentes encerram. Este é, evidentemente, o caso dos indicadores de confiança (por exemplo, dos consumidores ou dos investidores), os quais, sendo por natureza prospectivos (Delorme et al., 2001), são considerados, por alguns, indicadores avançados do ciclo económico, até porque se revelam parcialmente explicativos de despesas correntes (por exemplo, de consumo ou de investimento), com efeitos multiplicadores subsequentes.

Na verdade, esta mesma abordagem foi admitida, por exemplo, ao nível da UE, sobretudo na renovação da Estratégia de Lisboa, ao enfatizar-se a necessidade de criação de mais e melhores empregos, tendo sido reconhecida, desde logo, a importância do clima económico para o ciclo económico europeu (European Commission, 2000). Na sua argumentação de suporte às renovadas linhas de política económica, a Comissão Europeia enfatizou, precisamente, o papel da confiança por parte dos agentes económicos. Por exemplo, argumentou-se que as reformas estruturais no mercado de trabalho seriam benéficas porque contribuiriam significativamente para um aumento no crescimento e no emprego *através de um impacto positivo na confiança* (European Commission, 2004: 19) [itálico acrescentado]. Os próprios inquéritos ao sentimento económico e à confiança dos consumidores tornaram-se “uma ferramenta indispensável na monitorização da evolução da UE”.⁶

Em suma, quer do ponto de vista da política económica quer mesmo do ponto de vista da análise teórica, o estudo da eventual relação entre o desemprego e a confiança é justificável, ainda mais perante a actualidade do tema (particularmente em Portugal). Em Caleiro (2006) considerou-se que a metodologia apropriada para estudar aquela relação é a que consiste no recurso a uma abordagem de lógica difusa [*fuzzy logic*], na medida em que, pelas suas características, se revela ser a mais adequada na modelização daquela relação. Tendo em conta a simplicidade da metodologia e o período temporal considerados naquele trabalho, pretende-se agora estender aquela abordagem metodológica (assim como actualizar o período

⁶ Veja-se http://ec.europa.eu/economy_finance/db_indicators/db_indicators8650_en.htm (acedido em Abril 05, 2009).

temporal dos dados) de forma a verificar a robustez daquela relação entre o nível de confiança e a taxa de desemprego em Portugal. A realização destes objectivos contribui para uma melhor compreensão acerca da oportunidade e da forma de uma nova ordem económica em Portugal.

Para atingir aquele objectivo, o resto deste trabalho estrutura-se da seguinte forma. Na secção 2 proceder-se-á à apresentação dos dados. Na secção 3 apresenta-se, de uma forma simples, a metodologia de lógica difusa. Esta será alvo de aplicação aos dados na secção 4. A secção 5 conclui.

2. Descrição dos dados

Os dados utilizados neste trabalho, cuja fonte é o Eurostat, os quais se apresentam representados na figura 2, correspondem aos valores mensais, para o período que decorre entre Junho de 1986 e Dezembro de 2008, o que perfaz 271 observações, para a taxa de desemprego (sazonalmente ajustada) e para o nível de confiança dos consumidores (também sazonalmente ajustada).⁷

⁷ O indicador (em termos mensais) de confiança é apurado pelo Eurostat como sendo a média aritmética dos saldos (em pontos percentuais) das respostas às questões colocadas aos consumidores sobre a situação financeira do seu agregado familiar, a situação económica do país, os preços nos bens de consumo, o desemprego e sobre as poupanças, em termos da situação passada e previsível. Para mais detalhes pode consultar-se o anexo 2.3.1 em European Commission (2007).

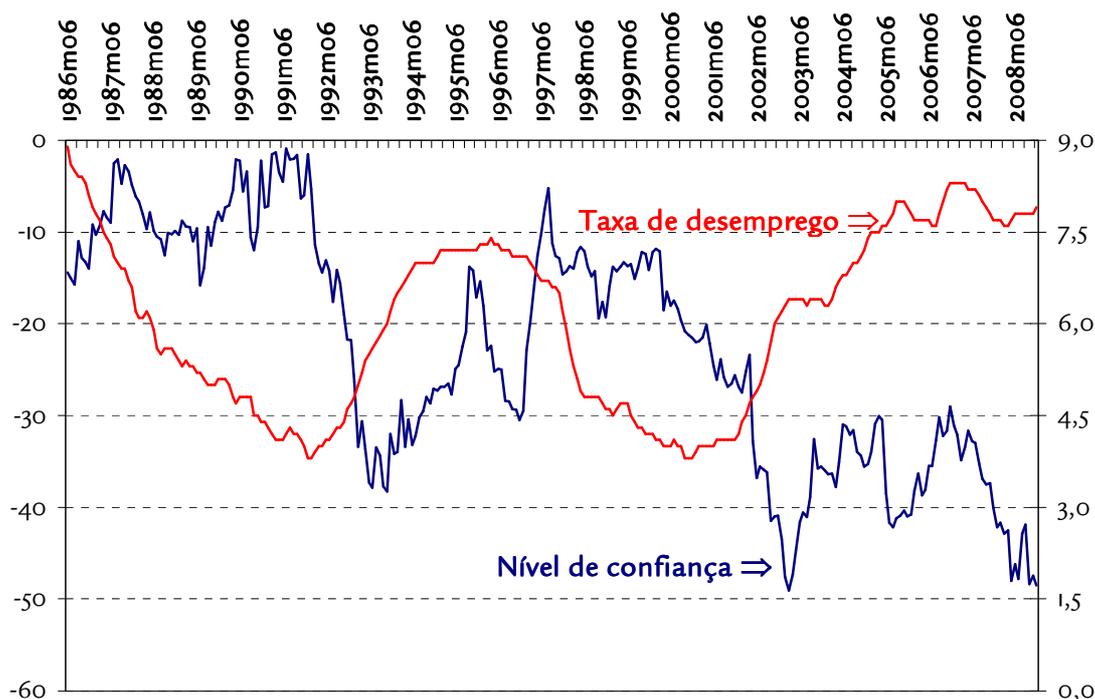


Figura 2: Os dados

Conforme a figura 2 ilustra, no que diz respeito à taxa de desemprego, esta segue um comportamento cíclico típico, sendo certo que os valores mais elevados se verificaram no início e no final do período amostral. No que diz respeito ao nível de confiança, este apresentou, apesar da volatilidade que geralmente caracteriza este tipo de variável, uma evolução que o situou em torno de valores elevados no início do período, tendo no final de 1991 iniciado uma quebra acentuada, o mesmo tendo acontecido no início de 2002, seguindo-se, após estas quebras, uma evolução em u invertido, i.e. uma (rápida e saliente) recuperação (em torno de meados de 1993 e início de 2003) seguida de uma depressão generalizada.⁸

3. A metodologia da lógica difusa⁹

Depois do trabalho pioneiro de Zadeh (1965), a lógica difusa apresentou uma expansão acentuada quer em termos teóricos quer em termos empíricos. Apesar

⁸ Um teste de quebra estrutural (Clemente et al., 1998) revela que 1991m11/m12 e 2002m02/m03 se podem, efectivamente, associar a quebras estruturais na série temporal da confiança (valores p de 0,000 e 0,000).

⁹ Esta secção seguirá de perto Caleiro (2007a).

deste facto, ao nível das ciências sociais a sua utilização, enquanto metodologia, não é tão frequente. Este facto é surpreendente porque, sendo a principal preocupação da lógica difusa a aproximação de modelos de raciocínio, do tipo que caracteriza muitas situações económicas, é desconcertante que tão poucas aplicações da lógica difusa tenham sido consideradas em Economia. Dado que a lógica difusa permite valores ‘intermédios’ entre os valores resultantes de uma avaliação ou classificação convencional, como, por exemplo, sim/não ou verdadeiro/falso, a imprecisão ou subjectividade de conceitos que caracterizam a forma de pensar humana são, assim, facilmente tidas em conta pela lógica difusa.

De facto, tendo por base informações incompletas, os agentes económicos, neste caso os consumidores, podem apresentar-se mais ou menos confiantes com base numa percepção vaga da evolução das variáveis relevantes para a formação do seu nível de confiança. Isto significa que, por exemplo, ao considerarem a trajectória do desemprego, os agentes podem basear as suas decisões (por exemplo, de classificação) em conceitos subjectivos como valores ‘altos’, ‘normais’ e ‘baixos’ para aquela variável. Se este for o caso, a abordagem correcta é a da lógica difusa, como se clarificará de seguida.

Se se partir do princípio de que agentes, ou seja, neste caso os consumidores, não possuem as habilidades para adquirir, reter e processar toda a informação necessária para tornar decisões rígidas [*crisp*] – por outras palavras, se a sua racionalidade for limitada – como para classificar (rigidamente) a taxa de desemprego observada como sendo alta, normal ou baixa, sendo este facto importante para a formação do seu nível de confiança, a lógica difusa é uma forma natural de lidar com este tipo de situações em que a fonte de incerteza é a ausência de critérios rígidos de classificação.

Em termos mais formais, considere-se um conjunto universal U e seja A um sub-conjunto de U em termos, digamos, clássicos, i.e. $A \subseteq U$. De acordo com a lógica clássica, digamos rígida [*crisp*] dos conjuntos, o grau com que um elemento de U pertence a A ou é 1 (o elemento de U está em A) ou 0 (o elemento de U não está em A). A função característica de A é, assim, tal que $\mu_A(x) = 1$ para $x \in A$, e $\mu_A(x) = 0$ para $x \notin A$. Deste modo, a função característica tradicional discrimina, respectivamente, entre os membros e os não membros do conjunto rígido. A generalização para um

conjunto difuso faz-se através do relaxamento da separação estrita entre os elementos pertencentes ou não a A . Na lógica difusa, a função característica, também designada por função de pertença [*membership(ness)*] pode, assim, qualquer valor no intervalo $[0,1]$.

Os valores atribuídos pela função de pertença aos diversos elementos do conjunto indicam, assim, o grau de pertença ao conjunto dos diversos elementos. Por exemplo, valores mais elevados indicam um maior grau de plausibilidade, ou seja uma maior correspondência com as características que descrevem o conjunto. Por conseguinte, utilizando a lógica difusa, pode modelizar-se o seguinte raciocínio: “o valor observado para a taxa de desemprego, digamos 6%, pode ser considerado ‘alto’, ‘normal’ ou ‘baixo’, com um certo grau de plausibilidade”. Desta forma, a lógica difusa pode apreender o facto de os agentes económicos frequentemente avaliarem categorias como ‘alto’, ‘normal’ ou ‘baixo’ de maneira diferente, dada a sua inerente subjectividade.

Em termos da lógica difusa, taxas de desemprego ‘altas’, ‘normais’ ou ‘baixas’ são, assim, consideradas categorias subjectivas dado que os agentes geralmente avaliam esses conceitos de forma diversa. No que se segue considerar-se-á que, precisamente, a taxa de desemprego se pode caracterizar por três termos linguísticos de acordo com:

$$\text{‘taxa de desemprego’} \in \{\text{baixa, normal, alta}\}.$$

A transposição das taxas de desemprego, naqueles três termos linguísticos será feita através do uso de funções de pertença associadas aos conjuntos difusos de valores ‘baixos’, ‘normais’ e ‘altos’. No caso em questão, estas funções são determinadas através do uso das distribuições empíricas dos valores da taxa de desemprego para o período em causa.

No que diz respeito à forma das funções de pertença, serão consideradas funções de tipo Gaussiano por estarem de acordo com o raciocínio que é assumido pelos consumidores aquando da determinação do seu nível de confiança. Assim é porque se assume que: (i) para a determinação dos graus de pertença de cada valor observado para a taxa de desemprego àqueles três conjuntos difusos, os consumidores consideram importantes quer a média quer a variância das observações que recordam – esta questão será clarificada de seguida – até ao

momento t e (ii) em cada um daqueles conjuntos, quanto mais próximo for o valor observado para o desemprego em relação à média de cada conjunto em particular maior deverá ser o grau de pertença a esse conjunto difuso, sendo a relação de natureza não linear.

Assim, cada função de pertença é do tipo:

$$f(u_t, \bar{u}_t, \sigma_t) = \exp\left(-\frac{(u_t - \bar{u}_t)^2}{2\sigma_t^2}\right), \quad (1)$$

onde u_t representa o valor actual da taxa de desemprego, e \bar{u}_t e σ_t são, respectivamente, medidas de localização e de dispersão nas observações do desemprego.

No que diz respeito às funções de pertença associadas às três categorias ‘baixa’, ‘normal’, ‘alta’ são determinadas, respectivamente, como:

$$f(u_t, \bar{u}_t - k\sigma_t, \sigma_t) \quad (2)$$

$$f(u_t, \bar{u}_t, \sigma_t) \quad (3)$$

$$f(u_t, \bar{u}_t + k\sigma_t, \sigma_t) \quad (4)$$

onde f é definido em (1). Os graus de pertença não normalizados para as observações correntes da taxa de desemprego, u_t , associados com as categorias ‘baixo’, ‘normal’ e ‘alto’, são, assim, dados por (2), (3), e (4), respectivamente. Observe-se que \bar{u}_t representa a média actual do conjunto ‘normal’ do desemprego e que o parâmetro k serve para ajustar a separação entre os três conjuntos difusos, tornando-a proporcional à dispersão nos dados, medida por σ_t . O valor de k será determinado como sendo o óptimo, i.e. aquele conduzindo ao melhor ajustamento entre o nível de confiança e a categoria de valores ‘baixos’ para o desemprego, enquanto os valores de \bar{u}_t e σ_t são determinados a partir das observações para o desemprego. Em particular, \bar{u}_t e σ_t são calculados, respectivamente, como a média e o desvio-padrão móveis tal como se indica de seguida:

$$\bar{u}_t = \frac{\sum_{j=t-w+1}^t u_j}{w} \quad (5)$$

$$\sigma_t^u = \sqrt{\frac{\sum_{j=t-w+1}^t (u_j - \bar{u}_t)^2}{w-1}} \quad (6)$$

para $t \geq w$, onde w representa o número de observações usadas no cálculo das médias e desvios-padrão móveis.

As expressões (5) e (6), de facto, capturam a assunção implícita da racionalidade limitada dos agentes económicos. Sargent (1993) argumenta que uma forma de substituir agentes totalmente racionais por outros possuindo racionalidade limitada é assumindo que a memória dos agentes está limitada. Neste caso em particular, assume-se que a memória dos eleitores se associa ao tamanho da janela móvel, w , no cálculo das médias (5) e desvios-padrão móveis (6). Por cada nova observação do desemprego, os consumidores esquecem a observação mais remota no tempo.¹⁰

A tarefa seguinte consiste no cômputo dos graus de pertença para as categorias do desemprego. Em termos mais claros, ir-se-á determinar uma variável *proxy* para o nível de confiança, baseada no uso retrospectivo das taxas de desemprego, i.e. nas w observações mais recentes para a taxa de desemprego, i.e. para observações desde $t - w + 1$ até t para os períodos $t \geq t_0 + w$ (sendo t_0 , neste caso, Junho de 1986). Claramente, neste caso, tal significa um uso retrospectivo da taxa de desemprego por parte dos consumidores.

Dado que se assume que o nível de confiança se relaciona de forma inversa com a taxa de desemprego, considera-se como relevante a função de pertença da categoria de valores ‘baixos’ para a taxa de desemprego. Para tal existe a necessidade de normalizar os valores obtidos por (2), (3) e (4), i.e. para que a sua soma seja igual a 1, depois de se calcularem os valores de \bar{u}_t e σ_t . No entanto, ainda antes da normalização existe uma outra tarefa a realizar, a qual se relaciona com a memória dos consumidores. Claramente, quando se calculam as médias e desvios-padrão móveis através de (5) e (6) é dada a mesma importância a cada observação. Uma questão que naturalmente se pode colocar é a que se prende com o facto de a memória dos consumidores não ser constante, ou seja de estes não atribuírem necessariamente a mesma importância a todas as observações, respeitantes ao desemprego, que recordam.

Uma forma simples de considerar os efeitos de uma memória não constante é

¹⁰ Isto naturalmente significa que ao longo do período amostral as médias e os desvios-padrão e, conseqüentemente, as funções de pertença, se vão alterando.

considerar que, no momento t , os valores de pertença são *filtrados*, i.e. multiplicados por factores p_j , para $t - w + 1 \leq j \leq t$, tal que os consumidores podem atribuir uma importância diferente a diferentes observações desfasadas na janela móvel aquando da formação do seu nível de confiança. Em Caleiro (2006) foi considerado o caso de memória exponencial decrescente.¹¹ A memória exponencialmente decrescente resulta na assunção de pesos tais que $p_j = \exp(\lambda(j - t))$ para $t - w + 1 \leq j \leq t$.

Seguindo o procedimento atrás descrito foi determinado o grau de pertença normalizado da categoria de baixo desemprego, para uma grelha de valores de w , (tendo sido escolhido o valor $w = 16$) e parâmetro de separação k e de pesos p_j , conduzindo ao melhor ajustamento entre o nível de confiança e aquele grau de pertença para o desemprego. Os resultados constam em Caleiro (2006: 889); veja-se também a figura 1 neste trabalho.

4. Teste de robustez da relação entre o nível de confiança e de desemprego em Portugal

Como é sabido, um procedimento econométrico na avaliação de modelos estimados consiste na, chamada, predição *ex-post*, i.e. na comparação entre as observações das variáveis explicadas para um período *post*-amostral com as predições para essas variáveis resultantes da parameterização estimada no modelo, utilizando os valores *post*-amostrais das variáveis explicativas (Harvey, 1990: 181-189). Tendo em conta os resultados anteriormente obtidos em Caleiro (2006), pode, assim, proceder-se a um exercício de simulação *ex-post*, i.e. verificando os resultados obtidos recorrendo à parameterização ali determinada, ou seja $w = 16$, $k = 0,403$, e $\lambda = 0,15$. Os resultados constam na figura 3.

¹¹ Para além deste caso, foram considerados os casos de memória linearmente decrescente, memória livremente decrescente, memória livre e memória perfeita em Caleiro (2007a).

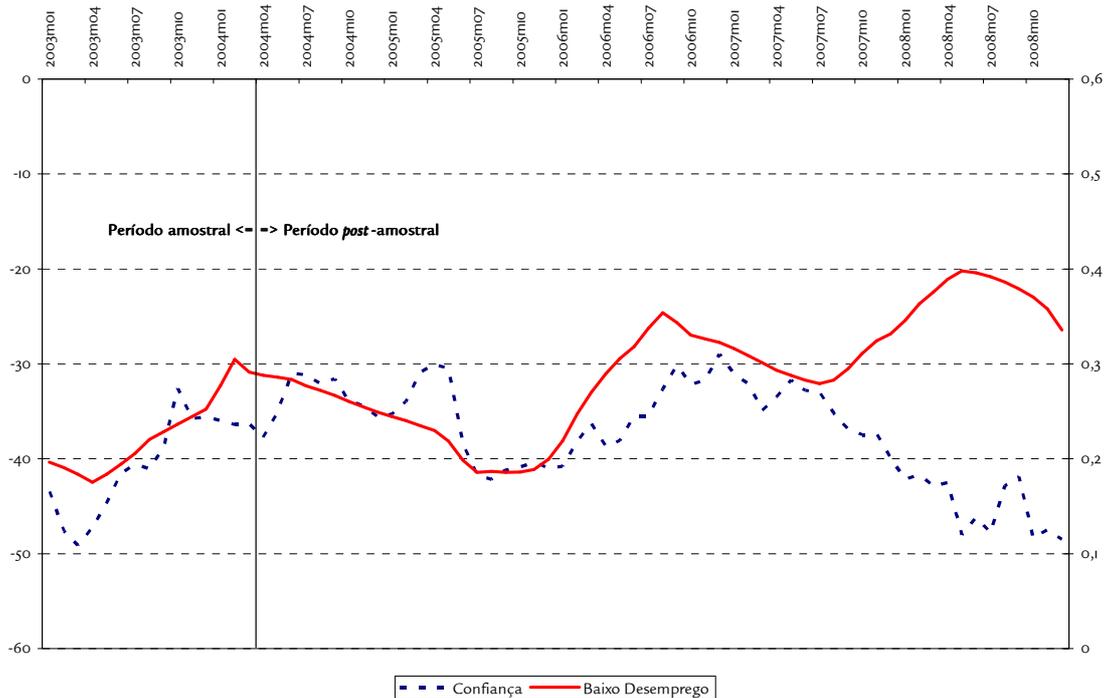


Figura 3: Um teste de robustez à relação entre o nível de confiança e o desemprego

Conforma se julga evidente a partir da figura 3, a relação anteriormente detectada entre o nível de confiança e o desemprego em Portugal mostrou-se particularmente robusta até passados mais de 3 anos de período *post*-amostral, ou seja desde Maio de 2004 até Agosto de 2007. Efectivamente, a partir desta data, o nível de confiança continuou uma fase descendente, enquanto a sua variável *proxy* (nível ‘baixo’ de desemprego) manifestou uma subida até Maio de 2008, tendo, após esta data tido uma evolução de acordo com o nível de confiança.

De realçar é também o facto de aquela relação se ter demonstrado robusta mesmo perante as duas quebras estruturais na série da confiança que tiveram lugar em finais de 1991 e princípios de 2002, as quais se podem, de alguma forma, associar a acontecimentos internacionais que tiveram lugar naquelas datas, nomeadamente as crises do Sistema Monetário Europeu e da ‘bolha’ tecnológica, respectivamente. Deste ponto de vista, poder-se-á apontar como sinal revelador de um acontecimento (também de âmbito internacional) de natureza depressiva da confiança a descida que se verificou nesta variável em torno de Setembro de 2007. Esta descida no nível de confiança não teria sido tão evidente se não tivesse existido o aumento na taxa de desemprego que se verificou entre meados de 2006 e início de 2007, altura em que se teria tornado oportuno uma intervenção (ainda) mais evidente no sentido do

combate ao desemprego.

Para aquele facto teria certamente contribuído um outro tipo de posicionamento do Banco Central Europeu no que diz respeito à fixação da sua taxa directora de juros, a qual, como é sabido, só iniciou a sua fase descendente no segundo semestre de 2008, reflectindo-se esta evolução nas diversas taxas de juro euribor, as quais registaram uma subida generalizada durante os anos de 2006 e 2007, precisamente numa altura em que, pelo menos em Portugal, se teriam detectado sinais de alteração na relação entre o nível de confiança e de desemprego apontando na direcção de uma grave crise económica ao nível da esfera real da economia.

5. Conclusão

Este trabalho estendeu a abordagem metodológica considerada em Caleiro (2006) (assim como actualizou o período temporal dos dados) de forma a verificar a robustez da relação entre o nível de confiança e de desemprego em Portugal detectada naquele trabalho. Reenfatize-se o facto de esta ser uma relação que, facilmente, pode ser ignorada, sendo certo que os efeitos decorrentes da evolução da taxa de desemprego sobre o nível de confiança, efectivamente, se verificarem. Julga-se mesmo poder afirmar-se que o desconhecimento daquela relação terá contribuído para o agravamento da situação económica em Portugal, dada a conjugação de efeitos nefastos sobre o nível de confiança por parte da subida da taxa de desemprego (em particular entre meados de 2006 e início de 2007), os quais, certamente, contribuíram para um agravamento do desempenho da economia real por via do efeito das expectativas.

Os resultados mostram que a aquela relação se mostrou particularmente robusta até, sensivelmente Agosto de 2007, data a partir da qual o nível de confiança baixou, não sendo esta a evolução prevista pela sua variável *proxy* ou seja pela categoria de valores baixos para a taxa de desemprego, sendo certo que a partir de Maio de 2008 a evolução desta esteve, novamente, de acordo com a evolução do nível de confiança.

Aquele facto chama a atenção para a existência de outros factores que,

certamente, são relevantes na formação do nível de confiança. Por exemplo, Caleiro & Ramalho (2007) apontam para o facto de, pelo menos em Portugal, a confiança dos consumidores ser influenciada por circunstâncias políticas, nomeadamente, a ocorrência de eleições.¹² Deste ponto de vista, espera-se um aumento (marginal) no nível de confiança associado à ocorrência das próximas eleições, sendo também expectável a sua queda após a verificação do acto eleitoral. A consideração de factores explicativos adicionais certamente acrescentaria a ‘bondade’ da relação ajustada, apesar de ser evidente, desde já, a importância do desemprego, muito mais do que é aparente, para explicar o nível de confiança em Portugal.

Ainda assim, como implicação de política parece-nos ser evidente que a direcção (e não tanto o seu nível) da taxa de desemprego é relevante, devendo aquela ser de natureza descendente o número de períodos suficientes para que, estando a taxa de desemprego a assumir valores abaixo do seu valor médio (móvel), daí resultar um aumento da confiança, com naturais efeitos catalisadores sobre a despesa e sobre o crescimento (que se traduziram, com o desfasamento habitual, ao desemprego), como aconteceu, por exemplo, após o fim das quedas abruptas no nível de confiança que se verificaram em 1992 e 2002, (também) em alturas de alguma, embora não tão severa quanta a actual, crise internacional apelativa de um nova ordem económica.

Referências bibliográficas

Caleiro, António (2003), “Subjective versus Objective Economic Measures – A fuzzy logic exercise”, *Documento de Trabalho* n.º 2003/11, Departamento de Economia, Universidade de Évora, Julho.

(http://www.decon.uevora.pt/get_file.php?id=593, acedido em Abril 05, 2009)

Caleiro, António (2005), “Crescimento Económico e Ciclos Partidários: Uma clarificação da relação existente”, *Documento de Trabalho* n.º 2005/15, Departamento de Economia, Universidade de Évora, Novembro.

¹² Hardouvelis & Thomakos (2008) também exploram a ligação entre a confiança e as eleições na UE-15 durante 1985:1-2007:3, chamando a atenção para o aumento da confiança que se observa geralmente antes das eleições e o subsequente decréscimo após a data das eleições.

(http://www.decon.uevora.pt/get_file.php?id=715, acedido em Abril 05, 2009)

Caleiro, António (2006), “How is Confidence related to Unemployment in Portugal”, *Applied Economics Letters*, Vol. 13, nº 3, pp. 887-890.

Caleiro, António (2007a), “Confidence and Unemployment in the European Union: A lesson from the 2004 enlargement”, *Notas Económicas*, 26, Dezembro, pp. 15-26.

Caleiro, António (2007b), “Crescimento Económico e Desemprego em Portugal: Uma explicação adicional para a sua relação”, *Documento de Trabalho* n.º 2007/05, Departamento de Economia, Universidade de Évora, Novembro.

(http://www.decon.uevora.pt/get_file.php?id=1159, acedido em Abril 05, 2009)

Caleiro, António, & Esmeralda A. Ramalho (2007), “Consumer Confidence in Portugal: what does it really matter?”, *CEFAGE-UE Working Paper 2007/03*.

(<http://www.cefage.uevora.pt/en/content/download/949/12218/version/1/file/200703.pdf>, acedido em Abril 05, 2009).

Clemente, J., A. Montañés, & M. Reyes (1998), “Testing for a unit root in variables with a double change in the mean”, *Economics Letters*, Vol. 59, pp. 175-182.

Delorme, C., D. Kamerschen, & L. Voeks, L. (2001), “Consumer confidence and rational expectations in the United States compared with the United Kingdom”, *Applied Economics*, Vol. 33, pp. 863-869.

Economic Policy Committee (2004), “Annual Report on Structural Reforms: Reinforcing implementation”, EPC/ECFIN/39/04 final, 3 de Fevereiro, Bruxelas.

(http://ec.europa.eu/economy_finance/epc/documents/2004/nationareports/aro4_en.pdf, acedido em Abril 05, 2009)

Economic Policy Committee (2005), “Annual Report on Structural Reforms: Increasing Growth and Employment”, ECFIN/EPC(2004)REP/50550 final, 11 de Janeiro, Bruxelas.

(http://ec.europa.eu/economy_finance/epc/documents/2005/cardiff05_en.pdf, acedido em Abril 05, 2009)

European Commission (2000), “Business Climate Indicator for the Euro Area (Presentation Paper)”, Directorate General for Economic and Financial Affairs.

European Commission (2004), “Presidency conclusions on the Lisbon strategy 2000-2004 by theme”, Junho, Bruxelas.

European Commission (2007), “The Joint Harmonised EU Programme of Business and Consumer Surveys: User Guide”, Directorate-General for Economic and Financial Affairs, Bruxelas, Julho.

(http://ec.europa.eu/economy_finance/indicators/business_consumer_surveys/userguide_en.pdf, acedido em Abril 05, 2009)

Hardouvelis, Gikas A., & Dimitrios D. Thomakos (2008), “Consumer Confidence and Elections”, *CEPR Discussion Paper 6701*, Fevereiro.

Harvey, Andrew C. (1990), “The Econometric Analysis of Time Series”, 2ª edição, Philip Allan, New York.

Sargent, Thomas J. (1993), “Bounded Rationality in Macroeconomics”, Oxford: Clarendon Press.

Zadeh, L.A. (1965), “Fuzzy Sets”, *Information and Control*, Vol. 8, pp. 338-353.